

## Os diamantes da destruição

A mentira do eldorado brasileiro está de endereço novo. Depois de criar fama com o ouro de Serra Pelada, a trapaça mudou-se para Rondônia, onde as estórias da cassiterita (minério de estanho) só fizeram aumentar sua lenda. Agora são os diamantes de Juína, no norte do Mato Grosso, que estão atraindo homens de todo o País para a velha armadilha: a loteria do garimpo. Acontece que, desta vez, o dono da riqueza chegou antes e é muito poderoso. Pior: nem brasileiro é.

Reportagem: CARLOS MACENA  
Fotos: DIRCEU CERQUIARO

Perdida no sertão do Mato Grosso, quase na fronteira com Rondônia, Juína é, desde o final de abril, uma cidade em pé de guerra.

De um lado, a Mineração Itapená, que ganhou do Ministério das Minas e Energia uma concessão de lavra de diamante em 1986 e, de outro, os garimpeiros. Inconformados com os lucros exclusivos da mineradora, eles invadiram as barrancas dos rios Vermelho e Aripuanã, no começo de abril.

Os jagunços da mineradora responderam a bala, e a cidade mergulhou no terror — no dia 6 de maio, o delegado Wilson Firmino dos Santos sofreu um atentado a bala dentro do restaurante Petit Pois, o melhor da cidade.

Tudo por causa do diamante, um sonho que vem de longe.

### TUDO POR UM ALVARÁ

Era uma vez uma empresa mineradora, sediada na África do Sul, chamada De Beers, responsável por 85% do diamante vendido no mundo. Um dia, em 1976, seus técnicos descobriram que havia uma jazida diamantífera em torno de Juína, no extremo norte de Mato Grosso, a 600 km de Cuiabá.

O problema, então, era conseguir um alvará para escarafunchar o subsolo de Juína e, ao mesmo tempo, despistar os garimpeiros. Uma saída era mostrar interesse apenas no diamante industrial, aquele cheio de impurezas, sem valor comercial (valor-gema), usado na indústria apenas por causa da sua dureza.

Foram dois coelhos mortos numa cajadada só: num belo dia do mesmo ano de 1976, a seção de protocolo do Ministério das Minas e Energia recebeu da SOPEMI-Pesquisa e Exploração de Minérios S/A, empresa com sede no Rio de Janeiro, um pedido de concessão de alvará de pesquisa do subsolo. A empresa alegou interesse em descobrir se existia diamante industrial em Juína. O alvará foi concedido.

### TERRA DE ÍNDIO

Os problemas da SOPEMI começaram cedo. A área era reserva indígena. Conforme o antropólogo e sertanista francês Richard Chapelle, que morou 18 anos na Amazônia, a bacia dos rios Vermelho e Aripuanã, que circunda Juína, era povoada há muito tempo pelos índios Cinta-larga, Suruí e Avacaneiro. Oito anos antes, a própria FUNAI havia reconhecido isso, quando criou, a 16 de julho de 1968, o Parque Indígena do Aripuanã.

A SOPEMI não se intimidou. Faz ouvidos de mercador e prossegue a exploração, passando por desinformada e valendo-se da inoperância da FUNAI, que, em 1976, já tem dois Postos Indígenas na região de Juína.

Os conflitos com os índios se sucedem, até que, em 1982, a CODEMAT, Compa-

nhia de Desenvolvimento do Mato Grosso, órgão do governo estadual, intervém na questão. As fronteiras do Parque são alteradas, os índios afastam-se e a CODEMAT dá início ao Projeto de Colonização Juína.

Enquanto baixa a poeira, entre 1983 e 1985, a SOPEMI tem outro problema. É preciso garantir a exclusividade de mineração porque o diamante de Juína já provou que dá lucro. Tanto o industrial quanto o comercial.

Acontece que os dois, obviamente, aparecem juntos, na mesma jazida. O texto do alvará diz que a SOPEMI, empresa voltada para a pesquisa, é obrigada a devolver ao solo os diamantes com valor comercial que forem encontrados nas escavações...

Não é preciso muita perspicácia para se perceber o tamanho da fraude que se delineava. Para que o diamante pudesse ser extraído sob uma fachada legal, era preciso que uma empresa mineradora nacional recebesse a autorização para lavrar o minério, uma espécie de concessão federal, muito mais interessante que um alvará de pesquisa. E assim foi feito.

Pela Portaria n.º 548, datada de 14 de maio de 1986, assinada pelo Secretário-Geral do Ministério das Minas e Energia, Paulo Richer, e que está registrada no DNPM, Departamento Nacional de Pesquisa Mineral, sob o n.º 860143/78, a Mineração Itapená ficou autorizada a usufruir uma Concessão de Lavra de DIAMANTE INDUSTRIAL em terrenos de proprietários rurais de Juína, por prazo indeterminado.

### ARMADO O ESTOPIM

Ocorre que qualquer garimpeiro de 1.ª viagem sabe que a Mineração Itapená é o braço comercial, no Brasil, da De Beers Internacional, aquela multinacional sul-africana do começo.

Estava armado o estopim de mais um conflito. Os garimpeiros não tardaram a chegar; afinal, a lei do garimpeiro é curta: cascalho nenhum tem dono.

As lojas de produtos agropecuários de Juína cederam lugar às revendedoras de motobombas, manguieras, compressores e motores diesel. O frenesi do diamante atropelou até o café, tradicional cultura de uma região de pura terra roxa.

O dinheiro trouxe o cheiro de pólvora. No garimpo do Arroz, jagunços da Itapená contra garimpeiros anônimos produziam um cadáver por dia no final de 1988.

Ninguém sabe ao certo quanto diamante já saiu e continua saindo de Juína. Na Itapená, só se colhe um silêncio ameaçador em resposta a perguntas mais atrevidas. Na cidade, fala-se hoje em 50 mil quilates por mês. O que se pode dizer de concreto é que Bradesco, Bamerindus, Itaú e Banco do Brasil não abriram agências em Juína, de 1986 para cá, à toa.



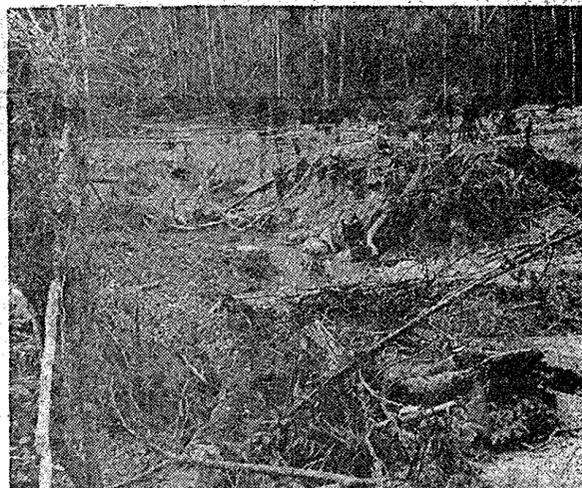
A mata é invadida pelo barulho das máquinas



Vida de garimpeiro é passar o dia enterrado na lama



Os índios expulsos da terra e condenados à miséria



Quando o garimpo se esgota, a terra fica arrasada



Juína vive hoje um autêntico clima de faroeste

## A mata morre a jato d'água

É madrugada na mata. A beira do córrego do Mutum, no garimpo do Arroz, os homens se reviram em cima das tarimbas, camas feitas de cipó e esteira. Espantam o sono e começam a agir.

Acabou de chegar de Juína um Jipe carregado de equipamento. Um motor Yanmar de 8 HP, dois Tobatta, um de 18 e outro de 18 HP, duas bombas Schulz — tudo zerinho, direto da rua Florêncio de Abreu, em São Paulo. Também vieram as manguieras de alta pressão, os bicos para reduzir a vazão d'água, as correias — tudo faz parte da munição para abrir um novo catrilado, a imensa vasilha de água, lama e raízes, de onde sai o diamante.

Dia após dia, os catrilados avan-

çam para dentro da terra. Partindo do leito do córrego, é preciso cavar em direção à mata. O diamante só aparece na camada de cascalho no mínimo a três metros de profundidade, no solo.

Os buracos são abertos com 50 ou 100 metros de frente. Da margem do rio em diante, a destruição não pára mais. Ao invés de picareta, os peões usam a água. O jato sai com uma pressão igual à de hidrante de rua. O barranco avança e aparecem as raízes dos mognos e cerejeiras, derrubados e jogados de lado, apenas para dar passagem para as máquinas. Raízes grossas, rijas. A motosserra entra em ação, por baixo d'água mesmo. Em menos de dez minutos, está tudo livre.

A mistura de lama e cascalho escorre do barranco e tem que passar por duas máquinas. A chupadeira é a primeira. Ela suga tudo junto — lama, folhas, pedaços de raiz, terra, água, cascalho — mas o peão tem que controlar, na mão, a densidade do líquido. Se o caldo engrossar demais, o rotor da bomba estoura.

Da chupadeira o cascalho-lama vai, via manguieras, para a resumidora. É uma caixa de metal com um sistema de filtros e peneiras, parecido com o das máquinas de descascar arroz. Pelo atrito e fricção, conjugados com jatos d'água lançados a cada 2 minutos, a terra vai se separando do cascalho, este se solta dos minérios — carvão, minério de fer-

ro e o diamante —, que se agrupam na parte de cima.

Quando aparece o bamburo — pedra grande, bem torneada, que dá boa lapidação — uma eletricidade nervosa atravessa a espinha de todo o garimpo. Não dá para esconder, não dá para disfarçar. O diamante ataca os homens, o boato corre todo o barranco antes do fim do dia.

É hora de pensar nas comissões: 10% para cada peão, 10% para o dono da terra, 65% para o dono das máquinas, que se encarrega da comida, dos remédios e do óleo diesel. No fim do dia, feitas as contas, as máquinas vão parando. Escurece. Amanhã, a vertigem do diamante faz todo mundo levantar mais cedo.